

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

V. 2. n. 1 - julho de 2003¹

ROBERT K. MERTON, SOCIÓLOGO VERSÁTIL E CRIADOR DO GRUPO FOCAL²

Michael T. Kaufman

Tradução de Gilda Stuart

Robert K. Merton alcançou sua reputação de pioneiro na Sociologia da ciência explorando o modo como os cientistas se comportam e o que os motiva, recompensa e intimida. Ao expor seu "ethos" da ciência em 1942, substituiu as arraigadas concepções estereotipadas que haviam representado por muito tempo os cientistas como gênios excêntricos, em grande parte incontrolados por regras ou normas. A obra contribuiu para que Merton fosse o primeiro sociólogo a ganhar a Medalha Nacional de Ciência, dos Estados Unidos, em 1994. Porém suas investigações durante mais de setenta anos abrangeram uma extraordinária gama de interesses, incluindo o funcionamento dos meios de comunicação de massa, a anatomia do racismo, as perspectivas sociais dos "includidos" versus os "excludidos", história, literatura e etimologia. Embora realizadas com a imparcialidade que admirava em Émile Durkheim, o francês que arquitetou a moderna Sociologia, com frequência as pesquisas de Merton trouxeram importantes consequências tanto na vida real como na acadêmica.

Seus estudos sobre a comunidade integrada ajudaram a dar forma à histórica peça processual de Kenneth Clark, na ação

proposta por Brown contra a Secretaria de Educação nos Estados Unidos, processo que foi julgado pela Corte Suprema e levou à dessegregação racial nas escolas públicas americanas. Sua adoção da entrevista focal para obter respostas de grupos a textos, programas radiofônicos e filmes levaram aos "grupos focais", que políticos, seus agentes, marqueteiros e cabos eleitorais consideram hoje indispensável. Muito depois de ter ajudado a projetar a metodologia, Merton veio a deplorar seu abuso e mau uso, mas acrescentou: "Eu gostaria de ter direitos autorais sobre ela."

Passou grande parte de sua vida profissional na Universidade de Columbia onde, juntamente com seu colaborador durante 35 anos Paul F. Lazarsfeld desenvolveu o Departamento de Pesquisa Social Aplicada, quando tiveram origem os primeiros grupos focais. Sua carreira correu paralela ao crescimento e aceitação da Sociologia como disciplina acadêmica genuína. Em 1939, havia menos de mil sociólogos nos Estados Unidos, mas logo após Merton ser eleito presidente da Associação Americana de Sociólogos em 1957, o grupo já contava com 4.500 membros.

Merton era às vezes chamado de "Sr. Sociologia", e Jonathan R. Cole, antigo aluno e diretor da Universidade de Columbia, disse uma vez: "Se houvesse Prêmio Nobel de Sociologia, não há dúvida alguma de que ele o teria ganho."

Outra das contribuições de Merton para a Sociologia foi sua ênfase no que denominava de "teorias de médio alcance", referindo-se aos estudos que se afastavam das grandiosas doutrinas especulativas e abstratas, ao mesmo tempo em que evitavam pesquisas pedantes com poucas probabilidades de produzir resultados significativos. O que preferia eram iniciativas que pudessem levar a avanços importantes e que abrissem linhas de investigação posteriores. Para seus próprios

¹. <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/artigos/v2nr1/ObituárioMerton2.html>. Consultado em 26/4/2004 06:49.

². Publicado no New York Times, em 24 de fevereiro de 2003.

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

escritos, preferia o formato de ensaio – "que proporciona espaço para apartes e correlativos", como dizia, ao papel científico modernizado mais usual...

Com frequência, apresentava suas observações em frases claras, nas quais combinava originalidade com aparente simplicidade. Eugene Garfield, um cientista da informação, escreveu que grande parte do trabalho de Merton era "de tão transparente verdade que não se consegue imaginar por que ninguém mais se deu ao trabalho de chamar a atenção para o assunto". Um exemplo antigo de tal percepção iluminada está num trabalho chamado *Social Structure and Anomie* ("Estrutura social e anomia"), que escreveu como graduado de Harvard em 1936, e continuou a revisar durante a década seguinte.

Merton havia se perguntado o que causava a anomia, um estado em que, de acordo com Durkheim, o colapso dos padrões sociais ameaçava a coesão social. Num avanço que gerou muitas linhas de pesquisa, Merton sugeriu que havia probabilidade de ocorrer anomia quando aos membros da sociedade eram negados os meios de alcançar os próprios objetivos culturais que sua sociedade projetara, como riqueza, poder, fama ou esclarecimento. Entre as ramificações desse trabalho, encontram-se os próprios trabalhos de Merton sobre os limites dos desvios de comportamento e o crime.

Um intelectual alto, fumante de cachimbo, Merton usou muitas vezes a trajetória de sua vida, do cortiço à realização acadêmica, como material para ilustrar o funcionamento da serendipidade, do acaso e da coincidência, que há muito o fascinavam.

Robert King Merton nasceu Meyer R. Schkolnick em 4 de julho de 1910, em South Philadelphia, e usou esse nome durante os primeiros 14 anos de vida. Era filho de imigrantes da Europa

Oriental e morou num apartamento em cima da loja de ovos e laticínios do pai, até o prédio pegar fogo. Na adolescência, fazia truques de mágica em festinhas de aniversário e adotou Robert Merlin como nome artístico, mas quando um amigo o convenceu de que sua escolha do nome do antigo mago era um lugar-comum, ele adotou Merton com o apoio de sua mãe, de tendências americanizantes, depois de ter ganhado uma bolsa de estudos para a Temple University.

Em palestra para o American Council of Learned Societies (Conselho Americano de Associações Eruditas) em 1994, Merton declarou que, graças às bibliotecas, escolas e orquestras a que tinha tido acesso, e até mesmo à gangue de jovens a que havia aderido, sua juventude o tinha preparado bem para o que denominava uma vida de estudo: "Meus colegas sociólogos devem ter notado" – disse – "como aquele cortiço aparentemente carente em South Philadelphia proporcionou a um jovem todo tipo de capital – capital social, cultural, humano e, acima de tudo, o que podemos chamar de capital público – isso é, todo tipo de capital exceto o financeiro pessoal." Não é difícil ver as relações entre tal postura e a compreensão de Merton sobre as causas da anomia.

Num perfil escrito por Morton Hunt em 1961 para a revista *New Yorker*, Merton foi descrito como demonstrando "surpreendente universalidade de interesses e talento para uma boa conversa, somente prejudicada pelo fato de ele estar incrivelmente bem informado sobre tudo, de beisebol a Kant, e estar sempre pronto, sem hesitar, a falar sobre parte do assunto ou todo ele".

De fato, em seu livro mais conhecido, *On the Shoulders of Giants* ("Nos ombros de gigantes"), Merton se aventurou muito além dos limites da Sociologia. Mencionado por ele como seu "filho pródigo intelectual", o livro revela a profundidade de sua curiosidade, a amplitude de sua prodigiosa pesquisa e a

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

extraordinária paciência que também caracterizam sua obra acadêmica. O trabalho começou em 1942 quando, num ensaio intitulado *A Note on Science and Democracy* ("Nota sobre ciência e democracia"), Merton menciona uma observação de Isaac Newton: "Se me foi possível enxergar mais longe, foi por estar nos ombros de gigantes." Acrescentou uma nota de rodapé esclarecendo que "o aforismo de Newton é uma frase padronizada que encontrou repetida expressão a partir do século XII".

Porém Merton não parou por aí. A intervalos, durante os 23 anos seguintes, seguiu a pista do aforismo de Newton através do tempo, enveredando tanto por becos sem saída como por avenidas frutíferas e por fim, terminou o livro em 1965, escrevendo-o em estilo discursivo que o autor atribuiu a suas primeiras leituras e subseqüentes releituras do *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne. Denis Donoghue, crítico e estudioso literário, descreveu o livro, com admiração, como "uma obra de arte excêntrica e contudo concêntrica, uma obra com suficiente flexibilidade para permitir uma digressão mais ou menos a cada dez páginas". E admitiu: "Eu gostaria de ter escrito *On the Shoulders of Giants*."

Nos últimos 35 anos, Merton vinha reunindo informações sobre a idéia e funcionamento da serendipidade e raciocinando sobre ela com a mesma atitude com que tinha escrito o livro anterior, que gostava de mencionar pelas iniciais OTSOG. Do mesmo modo empregado em todas as suas investigações, cotejou e considerou dados que havia lançado em fichas. Quase todo dia, começava a trabalhar às quatro e meia da manhã, em companhia de alguns de seus 15 gatos. Durante os últimos anos de sua vida, enquanto batalhava e vencida seis diferentes carcinomas, sua editora italiana, Il Mulino, convenceu-o a autorizá-la a publicar seus escritos sobre a serendipidade como

livro. E quatro dias antes de sua morte, sua esposa, a socióloga Harriet Zuckerman, recebeu a notícia de que a Princeton University Press havia aprovado a publicação da versão inglesa, com o título *The Travels and Adventures of Serendipity* ("As viagens e aventuras da serendipidade").

GRUPO FOCAL

1. O QUE É ?

É uma técnica qualitativa, não-diretiva, cujo resultado visa o controle da discussão de um grupo de pessoas. Foi inspirada em técnicas de entrevista não-direcionada e técnicas grupais usadas na psiquiatria. Os participantes não se conhecem mas possuem características comuns. Nesta técnica o mais importante é a interação que se estabelece entre os participantes. O facilitador da discussão deve estabelecer e facilitar a discussão e não realizar uma entrevista em grupo.

O "focus groups" é referido como uma técnica utilizada por profissionais de marketing e que atualmente tem sido apropriada por investigadores de diversas áreas do conhecimento como antropólogos, sociólogos, psicólogos, educadores, enfermeiros dentre outros profissionais.

Durante um longo período, o "focus groups" foi relegado a segundo plano pelos cientistas sociais e foi privilegiado como técnica de marketing, o que entretanto, não impediu que os investigadores da área de Ciências Sociais se dedicassem a buscar formas de recolha de dados que superassem os tradicionais questionários com questões fechadas. Isso levou ao desenvolvimento de técnicas de

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

entrevista não-directivas, sem que no entanto, isso assegurasse a apropriação do “focus groups” como técnica pelas Ciências Sociais.

Um moderador guia grupos, de aproximadamente 10 pessoas, numa discussão que tem por objetivo revelar experiências, sentimentos, percepções, preferências. O papel do moderador é promover a participação de todos, evitar a dispersão dos objetivos da discussão e a monopolização de alguns participantes sobre outros.

Os grupos são formados com participantes que têm características em comum e são incentivados pelo moderador a conversarem entre si, trocando experiências e interagindo sobre suas idéias, sentimentos, valores, dificuldades, etc.

2. UTILIZAÇÃO

As entrevistas com grupos focais podem ser utilizadas em todas as fases de um trabalho de investigação. São apropriadas para estudos que buscam entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos.

São utilizadas, por exemplo, quando se investiga questões complexas no desenvolvimento e implementação de programas, como aspectos relacionados a dificuldades, necessidades ou conflitos não claros ou pouco explicitados.

A escolha de entrevistas com grupos focais como fonte de informação deve ocorrer após a elucidação do propósito da pesquisa e a identificação de quem utilizará as informações. É fundamental que haja clareza quanto as informações necessárias, entender as razões de ser de cada uma delas e a sua adequação quanto a utilização dessa técnica como forma de coleta de dados.

3. VANTAGENS

- a) Baixo custo
- b) Resultados rápidos
- c) O formato flexível permite que o moderador explore perguntas não previstas.
- d) O ambiente de grupo minimiza opiniões falsas ou extremadas, proporcionando o equilíbrio e a fidedignidade dos dados.
- e) O clima relaxado das discussões; a confiança dos participantes em expressar suas opiniões; a participação ativa e a obtenção de informações que não ficam limitadas a uma prévia concepção dos avaliadores, bem como a alta qualidade das informações obtidas.

4. DESVANTAGENS: dificuldades em conseguir participantes quando estes devem obedecer a critérios muito específicos; a produção de polêmicas e oposição na discussão, além de invalidação dos achados devido à ingerência de alguns dos participantes.

5. LIMITAÇÕES

- a) É susceptível ao viés do ponto de vista do moderador.
- b) As discussões podem ser desviadas ou dominadas por algum participante.
- c) As informações podem trazer dificuldades para análise e generalizações. Neste sentido devem ser interpretadas no contexto do grupo e

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

complementadas com dados coletados através de outros instrumentos.

6. PASSOS METODOLÓGICOS

- a) Definir claramente o problema a ser avaliado.
- b) Escolher um bom facilitador e de preferência dois relatores para anotar a discussão.
- c) Constituir o grupo focal: o grupo deve ter uma composição homogênea, preservando certas características heterogêneas - um balanço entre uniformidade e diversidade - do grupo, o que permite que os participantes sintam-se confortáveis e livres para participar da discussão (aspectos como mesmo sexo, faixa etária aproximada, experiência profissional ou envolvimento/participação na atividade avaliada podem servir como variáveis). A escolha das variáveis vai depender do que se avalia e do para quê da avaliação.
- d) Forma de seleção dos participantes: devem-se respeitar sempre os critérios estabelecidos previamente, de acordo com o objeto da avaliação. Recomenda-se que não se coloquem no mesmo grupo pessoas que se conhecem ou que conheçam o facilitador. Uma pré-seleção pode ser feita para identificar os que melhor se enquadram nos critérios definidos.
- e) Quanto ao tamanho do grupo, este deve ter geralmente entre 6 a 10 membros; recomenda-se que se convidem mais 20% para cobrir possíveis ausências. Sugere-se calcular o número de canais de comunicação possíveis no grupo, utilizando-se da

fórmula $N \times (N-1) : 2$, onde N é igual ao número de participantes. Deste modo pode-se ter uma idéia inicial de quantos componentes são necessários num grupo, a depender das características deles e do tema de discussão. Um exemplo: se o grupo contar com 6 componentes: $6 \times (6-1) : 2 = 15$ canais possíveis de comunicação.

- f) A quantidade de grupos deve considerar a homogeneidade da população em relação ao objeto da avaliação, variando de um mínimo de 3 a 4 grupos até 10 a 12 grupos no máximo. O importante é selecionar pessoas com diferentes opiniões em relação ao tema a ser discutido e o objetivo é obter não uma representação quantitativa de diferentes opiniões e setores, mas sim o relato de cada segmento sobre o objeto da avaliação.
- g) Os participantes devem ser vagamente informados sobre o tema da discussão, para que não compareçam com idéias preestabelecidas. Quando necessário são produzidos meios que facilitem a presença dos participantes (a exemplo de cartas para que sejam liberados no horário de trabalho, etc.) e deve-se sempre confirmar a presença por telefone um dia antes da reunião.
- h) Desenvolvimento dos encontros: o local para as reuniões deve favorecer a interação entre os participantes: uma sala com cadeiras confortáveis ou em volta de uma mesa é suficiente. Também recomenda-se que os encontros durem entre 1 e 1/2 a 2 horas e no máximo 3 horas. Pode-se utilizar equipamento para registrar as discussões, preferencialmente dois gravadores. É útil identificar

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

cada participante com um cartão. O facilitador deve iniciar o encontro com uma breve explanação agradecendo as presenças e propondo uma breve auto-apresentação. Deve explicar os objetivos do encontro, como foram selecionados os participantes e por que não foram dadas muitas informações sobre a reunião até aquele momento; sobre o uso de gravadores e o sigilo das informações obtidas. Deve deixar claro que todas as opiniões interessam e portanto não existem boas ou más opiniões. Assim, cada membro deve falar na sua vez, permitindo uma boa gravação das falas. Deve-se informar aos participantes sobre a duração do encontro e como este será desenvolvido. Deve-se fazer uma rodada inicial de falas, possibilitando a todos um comentário geral sobre o tema.

- i) Papel do facilitador: depende do ponto de vista que se adota, do que está sendo avaliado e da natureza das informações que se deseja obter. Tudo isso determina se a discussão será mais ou menos estruturada. O facilitador pode não intervir, devendo apenas proporcionar uma atmosfera favorável à discussão, controlar o tempo e estimular que todos falem. Em outros estudos o facilitador pode fazer várias perguntas abertas sobre o tema, para guiar a discussão. Ele deve sempre ter uma lista de questões que podem ou não ser usadas. Deve evitar a monopolização da discussão por um dos participantes e encorajar os mais reticentes. Deve estar atento às expressões gestuais dos participantes e saber interpretá-las. Há uma concordância em que o facilitador deve ter uma boa experiência na condução de grupos e ser sensível,

capaz de ouvir, ter clareza de expressão, ser flexível, vivo e simpático, além de ter senso de humor (o papel de facilitador é mais uma questão de arte do que de técnica).

- j) Análise das informações obtidas: de preferência o facilitador deve participar da análise das informações obtidas, pois ele possui as melhores informações sobre expressões faciais, o tom usado pelos participantes, o contexto das falas e o clima da discussão. É necessário transcrever as discussões gravadas. Não existe um modelo acabado de análise dos dados. Em geral se utilizam os seguintes passos:

- Elaboração de um plano descritivo das falas, que consiste na apresentação das idéias expressadas, bem como dos apoios e destaques para diferenças entre as opiniões e discurso dos grupos focais.
- Devem-se ouvir repetidas vezes as falas registradas e agrupar os fragmentos dos discursos de acordo com as categorias identificadas.
- A análise deve extrair tudo que for relevante e associado com o tema ou com a categoria. As categorias podem ser geradas a partir das informações obtidas. O guia usado pelo facilitador pode servir como um esquema inicial das categorias. Durante a discussão também podem surgir novas variáveis.
- A análise deve tentar capturar as idéias principais que apóiem as conclusões. Os analistas podem

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

buscar tendências e formular tentativas de conclusões sobre as conexões encontradas.

- k) Resultados: deve-se elaborar um relatório dos resultados do grupo focal, evitando generalizações e acentuando as relações entre os elementos identificados, pontuando ou avaliando interpretações dos participantes. Citações dos discursos devem ser usadas com parcimônia, não devendo se constituir em mais de 1/3 do relatório.

5. CONDUÇÃO DO GRUPO FOCAL

- a) Estabelecer o *rapport* – o moderador esboça o propósito e o formato da reunião para que os participantes saibam o que esperar das discussões e fiquem à vontade. Deve ser dito que a entrevista ou discussão é informal e que se espera a participação de todos com o máximo de espontaneidade possível.
- b) Construir cuidadosamente um roteiro de perguntas. As perguntas abertas promovem debates mais livres, com detalhes que resultam em descobertas inesperadas.
- c) Utilizar técnicas investigativas - observação, entrevistas, questionários e dinâmicas lúdicas para incentivar e organizar o debate.
- d) Registrar a discussão – este é o papel do relator. As anotações devem ser bastante completas no que se refere ao conteúdo e comportamento dos participantes.

6. ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após cada reunião a equipe deve elaborar relatórios com o resumo das informações, e impressões obtidas no GF e suas implicações para o estudo.

Para análise dos dados, deve-se levar em consideração: palavras utilizadas repetidamente, o contexto no qual a informação foi obtida, concordâncias entre as opiniões dos participantes, alteração de opiniões ocasionadas pela pressão dos grupos, respostas dadas em função de experiências pessoais de maior relevância do que impressões vagas, idéias principais, comportamentos, gestos, reações, sentimentos, valores de ordem pedagógica, ideológica e ética, preconceitos, dificuldades de compreensão das perguntas feitas, entusiasmos, dificuldades no enfrentamento de desafios, aproveitamento dos espaços de liberdade, etc.

Elaborar um quadro geral das idéias preponderantes.

7. COMBINAÇÃO ENTRE GRUPO FOCAL E OUTRAS ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS

As investigações de natureza qualitativa tem privilegiado a observação participante ou a entrevista individual como principais opções metodológicas. Porém, como ilustra (Morgan, 1997), há sempre a possibilidade de conciliação entre alternativas metodológicas, sendo que uma pode suprir a deficiência da outra e se beneficiar de suas virtudes. Quando o autor se refere ao grupo focal e à observação participante, aponta que no primeiro caso, trata-se de uma abordagem pouco natural e no segundo caso, a grande desvantagem é a demora para que o pesquisador se instale e ganhe a confiança do grupo. Levando em conta essa comparação, sugere que é possível conciliar o grupo

Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas.

Alberto Albuquerque Gomes

focal com a observação participante. Se por um lado a observação participante é mais adequada a estudos etnográficos, os grupo focal pode funcionar como uma forma de antecipar informações sobre o grupo e seus sujeitos que certamente demoram mais a ser apurados com a observação participante.

Em relação à entrevista individual, há certamente maior controle da informação por parte do investigador, enquanto que o “focus groups” permite, ainda que com menor profundidade, acesso a um maior volume de informações de um número maior de sujeitos.

Como se pode observar, há muitos usos para o grupo focal, isoladamente ou em combinação com outras alternativas metodológicas. Porém, fundamentalmente, essa técnica tem como grande virtude o seu caráter exploratório, o que nos permite construir desenhos de pesquisas que valorizem o caráter exploratório do grupo focal e modos de investigação como os “surveys”, a pesquisa experimental, a observação participante e entrevistas individuais.

O argumento principal para essa proposição é o de que nenhuma alternativa metodológica é auto-suficiente e não há obstáculos intransponíveis entre abordagens metodológicas distintas.

Bibliografia

Barbosa, E. F. Data collecting instruments in educational researches. In: *Educativa*. Educational Research and Innovation Institute, 1998.

Débus, M. *Manual para excelência en la investigacion mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educational Development, 1997.

Gondim, Sonia Maria Guedes. Grupos focais como técnicas de investigação qualitativa: desafios metodológicos. In: Fórum de Investigação qualitativa. 2, 2002, Juiz de Fora – Minas Gerais. **Anais...**Juiz de Fora: Faculdade de Educação, 2002. CD.

Morgan, D. L. *Focus groups as qualitative research* (2ª ed. Vol. 16). London: Sage University Paper, 1997.

Saumure, K. *Focus Groups - An Overview*. Retrieved 15 de Julho de 2004, 2004, from www.slis.ualberta.ca/cap02/kristie/focus_group_paper.htm.

Suter, E. A. (2004). *Focus Groups in Ethnography of Communication: Expanding Topics of Inquiry Beyond Participant Observation*. Retrieved 26 de julho, 2004, from (<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR5-1/suter.html>)

Westphal, M.F. & Bogus, C. M. & Faria, M. de M. Focal groups: Pioneer research in health educational programs in Brazil. *Boletim Oficina Sanitária Panamericana*, 120, 1996, 472-481.